

Cinema e Educação: Planos e luz no caminho para a escola

Sônia Maria Rodrigues

Universidade Federal de Goiás/FE/ Brasil

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Universidade Federal de Goiás/Cepae/Brasil

Walter Luiz Baptista Filho

Universidade Federal de Goiás/FE/ Brasil

Sônia Maria Rodrigues

Graduação em Pedagogia PUC-Goiás e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Membro do Projeto de Pesquisa Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância (FE-CEPAE/UFG, PUC/GO) e do Projeto de Extensão Sessão Corujinha. Email: sonia@ufg.br;

Maria Alice Carvalho de Sousa Rocha.

Professora da Universidade Federal de Goiás. Doutorado e Educação e pós-doutoramento em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Membro do Projeto de Pesquisa Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância (FE-CEPAE/UFG, PUC/GO) de de Extensão Sessão Corujinha. Email: maria.carvalho@ufg.br;

Walter Luiz Baptista Filho

Graduação tecnológica em Gestão Ambiental Senac Cora Coralina Goiânia Goiás. Licenciando em Pedagogia. Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Universidade Federal de Goiás. Auxiliar de Atividades Educativas. Cmei Viver a Infância. Secretaria Municipal de Educação. Goiânia Goiás. Email: walterbrgo@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência com o cinema em uma disciplina de Fundamentos e Metodologia em Língua Portuguesa na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Foi elaborado para a Prática como Componente Curricular (PCC) dessa disciplina, uma Aula Pública com uma professora convidada para discorrer sobre a temática Cinema e Educação: planos e luz no caminho da escola. Além disso, foi constituída uma curadoria de filmes que pudesse apresentar os “caminhos para escola” do ponto de vista do aluno, do professor, da cultura e sociedade, com a proposta de discussão sobre eles em três aulas. Os alunos apresentaram em grupos as análises realizadas sobre os filmes assistidos e disponibilizados anteriormente. São produções que nos colocam para reflexão sobre a visibilidade daquilo que no cotidiano de uma sala de aula, ou da vida para além dela, nos escapa ao olhar! Com isso, o relato de experiência se dará em três tempos: o da organização da curadoria de filmes, da Aula Pública e da apresentação das análises realizadas pelos alunos, seguido das reflexões teóricas a respeito da curadoria e das elaborações dos alunos.

Palavras-chave: Componente Curricular, Experiência, Cinema, Educação.

Abstract

This article aims to report the experience with cinema in a discipline of Fundamentals and Methodology in Portuguese Language II at the Faculdade de Educação of the Universidade Federal de Goiás. An Open Class with an invited professor was organized as a practical activity of the Curricular Component of this discipline to discuss the theme Cinema and Education: plans and light on the way to school. In addition, the selection of films was conducted in order to present the “paths to school” from the point of view of the student, the teacher, the culture and society, along with the proposal to discuss them through three classes. The students, working in groups, presented the analyses of the films previously watched and made available. The productions selected encourage us to reflect on the visibility of what escapes our attention in the daily life of a classroom or in life beyond it. As a result, this experience report is divided into three phases: the organization of the content curation of films, the Open Class and the presentation of analyses proposed by the students, followed by theoretical reflections on the curatorship and elaborations of the students.

Keywords: Component Curricular, Experience, Cinema, Education.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência com o cinema em uma disciplina de Fundamentos e Metodologia em Língua Portuguesa II, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Brasil. No curso de Pedagogia na qual ela faz parte, está situada no quinto período para uma carga horária relativa a quatro anos, justamente no período em que vigora também o estágio supervisionado obrigatório. É um momento do curso em que as questões da formação e prática docente são mais interpeladas pela realidade das escolas nas quais os alunos estagiários se deparam e por isso se angustiam, questionam o curso e também as suas condições e desejo em relação à ele.

É nesse contexto que discutimos, continuamente, os conceitos fundamentais da disciplina que faz parte do que denominamos de área de linguagem. Além dela, há outras que a antecedem na composição da grade curricular do curso, a saber: Fundamentos da Produção Acadêmico Científico, Alfabetização e Letramento e Fundamentos, Conteúdos e Metodologia da Língua Portuguesa I. Todas elas possuem em comum, com essa que ora discutimos, a conceitualização da relação do sujeito com a linguagem, a escrita, especificamente.

No caso da disciplina de Fundamentos, Conteúdos e Metodologia da Língua Portuguesa II, a elaboração do plano de ensino esteve vinculada às resoluções do Conselho Universitário (Consuni), da universidade, em razão das medidas sanitárias da Organização Mundial de Saúde, como consequência da pandemia da Covid 19 que abalou o mundo desde o final de 2019. No Brasil e especialmente na nossa região e universidade, os decretos governamentais e resoluções que definiram as regras sanitárias, foram instituídos em meados de março de 2020. Nesse momento, as nossas atividades de ensino foram suspensas e mantidas as de pesquisa e extensão no modo conhecido como home office.

No mês de agosto, ainda em 2020, retomamos com as atividades de ensino nessa lógica de “trabalho em casa”, com as aulas realizadas no modo de Ensino Remoto Emergencial (ERE), distinto, então, do que já era instituído na universidade, o Ensino à Distância (EAD). Essa modalidade possui a sua organização pedagógica e administrativa com anos de experiência. O ERE implicava uma nova estruturação e execução do plano de ensino por meio de recursos tecnológicos, em sua grande maioria, dos professores e dos alunos, tendo em vista que nem sempre os mesmos tinham as condições necessárias para viabilizar esse ensino.

Do ponto de vista pedagógico, a elaboração dos planos de ensino foram realizados de acordo com resoluções específicas, orientando aos professores que organizassem o conteúdo programático de acordo com o tempo possível de aula, em torno de uma hora e meia, para a modalidade remota ou online! No caso do curso de Pedagogia da UFG, cada disciplina do semestre tinha uma carga horária semanal de quatro horas e por isso reorganizar a ementa, conteúdo programático e procedimentos metodológicos tornou-se uma tarefa difícil, uma vez que não podia deixar de lado uma acolhida humanitária aos alunos e alunas.

Desse modo, foi pensado em trazer para o escopo dos conceitos fundamentais, dessa disciplina de Língua Portuguesa II, o que nos colocou em reflexão desde o início da pandemia: a questão do tempo! Bem ao estilo e princípios freirianos, essa expressão foi considerada como tema gerador e com ele pudemos organizar o plano de ensino em três momentos: o da discussão sobre a formação docente aligeirada e de um trabalho flexibilizado, sob a ótica de uma agenda global que se impõe com a operacionalização da Base Nacional Comum Curricular.(BNCC);

a discussão sobre a literatura, leitura e escrita, incluindo o tempo da estrutura da ficção na literatura, enquanto lugar de experiência com a linguagem, por isso o tempo é o da re-leitura; e o trabalho da Prática como Componente Curricular que teve como tema o Cinema e a Educação - planos e luz no caminho para a escola. Daí, a ideia de tomar o cinema como outra linguagem que nos possibilita refletir sobre a sua potência na constituição de um olhar sempre outro em intersecção com a literatura, naquilo que se aproximam e se distanciam.

É interessante pontuar que a elaboração do programa da Prática como componente curricular é que possibilitou estruturar esses três momentos da disciplina. Já havíamos como certa a discussão em torno da literatura, da experiência com o tempo e espaço da narrativa literária. Escolher o cinema e educação como temática da Prática como Componente Curricular, possibilitou engendrar um terceiro momento da disciplina e a experiência com o tempo e espaço da narrativa fílmica associado ao da literatura.

Assim, foi constituída uma curadoria de filmes que pudesse apresentar os “caminhos para escola” do ponto de vista do aluno, do professor, da cultura e sociedade, com a proposta de discussão sobre eles nas duas últimas aulas do semestre. Os alunos apresentaram em grupos as análises realizadas sobre os filmes assistidos e disponibilizados anteriormente. São produções que nos colocam para reflexão sobre a visibilidade daquilo que no cotidiano de uma sala de aula, ou da vida para além dela, nos escapa ao olhar! Com isso, o relato de experiência se dará na forma como se constituiu o trabalho com a disciplina, em três tempos: o da organização da curadoria de filmes, da Aula Pública e da apresentação de um dos trabalhos realizados pelos estudantes da disciplina.

Desenvolvimento

Organização da curadoria de filmes

Nas duas últimas semanas do calendário letivo da disciplina, fizemos a discussão com os alunos e alunas sobre os filmes elencados por nós. Foram as últimas aulas de duas turmas do primeiro semestre letivo, dessa disciplina de Fundamentos, Conteúdos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa II. Como dito, a ideia de relacionar essa “curadoria” de filmes que suscitam a reflexão sobre a educação, formação docente e conceitos fundamentais da disciplina (leitura, escrita, literatura e posições do aluno e professor) foi para instituir esse terceiro tempo anunciado na introdução e assim acrescentar outro modo de “formação não aligeirada”,

Tanto a formação de um leitor, como a de um espectador, demora um tempo que é o da experiência. O que importa para nós é o que dela o sujeito possa narrar! Se em relação à literatura na formação docente, a ideia é a de pensar em um professor com experiências literárias, introduzir o espaço de discussão sobre os filmes, como roda de conversas, seria o de associar outro modo de estrutura narrativa, só que constituída por imagens e não pela escrita, como o é na literatura. Há tempos que a linguagem audiovisual ocupa os espaços das escolas e universidades, haja visto que temos disciplina sobre cinema, audiovisual e mídias. Esse período pandêmico da Covid 19 nos mostrou que a linguagem audiovisual já fazia parte de nosso trabalho há tempos, tanto é que tivemos que essencialmente recorrermos à ele.

A questão é, o modo como essa linguagem é concebida no âmbito escolar e acadêmico. Assim como concebemos a literatura como arte, o cinema também ocupa esse lugar e foi pensando nessa condição que construímos “a mostra de

filmes” em um formato em que os alunos e alunas assistissem à eles com antecedência e depois, em dois dias de aula, pudessem debater sobre eles a partir de um roteiro também disponibilizado. A cada aula, três grupos de alunos e alunas falariam sobre os filmes relacionados aos que eles pertenciam, sendo que era uma média de três obras cinematográficas para cada.

As orientações dadas foram para que eles assistissem aos filmes e falassem sobre eles, enquanto um encontro com a obra cinematográfica a partir de seus procedimentos estéticos. De outro modo, como eles são constituídos pelo tempo e espaço de uma narrativa sobre questões da vida cotidiana da escola e da educação que nos escapam ao olhar, seja na prática da sala de aula dos que trabalham ou das teorizações que acontecem na experiência de estágio curricular e nas aulas de nossa disciplina.

Os filmes escolhidos nos convocam a pensar sobre a formação como condição para o “ser” humano, sempre, em contraposição à barbárie. Em um mesmo dia tivemos reunidos filmes que “conversavam” e mostravam a vida na escola e fora dela, reportando o espectador para questões particulares do mundo, portanto universais, eis a “magia” do cinema! Se falam da vida, da história de nosso mundo, também nos apresentam condições de refletirmos sobre questões tão caras para o universo teórico-conceitual de nossa disciplina, a saber: a leitura, a escrita, a relação do sujeito com a linguagem, a literatura e as posições do professor e do aluno.

Toda a elaboração da “curadoria” de filmes foi construída de acordo com o repertório de nosso projeto de Pesquisa Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância. Nesse caso, temos a articulação dos resultados de nosso trabalho com o ensino, o que seria a materialidade dele influenciando a organização dos filmes. Não se trata de uma lista estruturada aleatoriamente, cada filme foi pensado para os agrupamentos distribuídos nos dois dias. É como se em cada grupo de filmes estivessem presentes as discussões e elaborações realizadas em nossas reuniões de estudos que se reproduziram nos textos a respeito dessa temática da pesquisa publicadas em livros e revistas.

No primeiro dia de debates e/ou roda de conversas tivemos os filmes que remetem à formação cultural dos povos originários em relação à memória da escola. Osiba Kangamute – Vamos lá criança, Cepae é demais e Tanza foram os destinados para o primeiro grupo de alunos e alunas. Os dois primeiros “conversam” entre si, pois um motivou a produção do outro. Osiba Kangamute é um trabalho produzido coletivamente pelos indígenas Kalapalo, juntamente com pesquisadores em uma oficina de vídeo realizada com algumas crianças da aldeia Aiha Kalapalo do Parque Indígena do Alto Xingu (MT).

O filme Cepae é demais foi pensado a partir da exibição desse primeiro, configurando uma característica em comum: a participação das crianças na produção e também como protagonistas. Ambos mostram a escola a partir de suas perspectivas culturais, sendo que Cepae é demais endereça em forma de uma vídeo-carta as dependências de sua escola e as suas percepções do e de para com o quadro negro e inscreve nele as memórias guardadas de sua escola, respondendo às questões ali postas.

filme das crianças indígenas. O filme Tanza se associa à ideia da escola como lugar de produção de sentidos sobre o mundo e de constituição de memórias. O menino destinado a bombardear a escola, Na sequência, Preciosa e Vida Maria, onde a escrita exerce a condição para trocas simbólicas como resistência

e deslocamentos de uma vida trágica e a outra como insistência e fracasso para narrar as histórias das Marias que perpassam várias gerações.

Depois desses últimos, temos Sociedade dos poetas mortos, O quadro negro e Um doce olhar e O jarro, nos ajudando a pensar sobre a escola como lugar de humanização e a escrita enquanto constituição do sujeito e por isso as posições do professor e do aluno como funções, lugares que não podem ser confundidos como características inatas, adquiridas naturalmente.

Para o segundo dia, tivemos novamente outros três blocos de filmes enquanto lugares de trocas simbólicas e por isso condição para testemunhar e narrar, os caminhos da escola. Os três primeiros filmes abordam os caminhos e endereçamentos da escrita nas histórias de pessoas. Em Central do Brasil são: as cartas narradas por transeuntes de uma estação de trem com o mesmo nome do filme e subscritas por uma das personagens que conecta a sua história com uma das pessoas que por ali passa.. E Buda desabou de vergonha, de certa forma, contribuiu para o título deste texto. Nele, o espectador acompanha, juntamente com a protagonista principal, e os caminhos para a escola, interceptados pela realidade e condição das mulheres e meninas em relação à formação escolar. O Buda desabado pelos talibãs no início nos remete a outro desabamento, o da destituição subjetiva dessa menina nas cenas finais. Em Pro dia Nascer Feliz, documentário que traça a geografia da leitura e da escrita nas escolas públicas do nordeste e do sudeste, faz a denúncia das diferenças de condições estruturais e de financiamento entre as escolas públicas e privadas dessas regiões, como também as diferenças culturais entre os alunos e alunas dessas escolas.

Ainda no segundo dia, outro bloco de filmes para o grupo 2, composto somente por A menina que roubava livros e Escritores da liberdade. A leitura e a escrita como deslocamento subjetivo atravessando a narrativa dos filmes. E, por fim, para o grupo 3, uma questão ética que se interpõe para os filmes Onde fica a casa de Meu amigo, O carteiro e O poeta e o Milagre de Anne Sullivan (a ética do desejo)

No roteiro disponibilizado aos alunos e alunas para a análise fílmica dissemos que para além do enredo, da história contada, o que importa é a forma como isso se dá como a narrativa é estruturada a partir da composição dos elementos que fazem parte da linguagem cinematográfica, tais como a fotografia (luz e sombra), trilha sonora, enquadramento (planos), figurino etc: Indagamos sobre a cena que mais os impactou e o porquê dessa escolha enquanto espectador? Também falamos para dizerem sobre a importância dessa cena na forma da narrativa. Seguimos com outras questões a respeito da articulação que eles faziam dos filmes assistidos com o que discutimos sobre o tempo da formação docente ou formação humana e se eles conseguiam observar nos filmes a importância do movimento da câmera, apontando planos mais amplos ou bem próximos dos personagens, no intuito de dar a ver o que se pretende transmitir do personagem ou personagens.

Outros aspectos solicitados para eles abordarem os debates têm a ver com a identificação da paleta de cores para a composição da narrativa, a fotografia do filme, o trabalho de luz e sombra na composição das cenas, das características e atuações dos personagens. Sobre a trilha sonora trabalhada no filme, ela indica algum momento importante da narrativa? Todos esses elementos destacados são observados no exercício de assistir aos filmes ao longo da vida.

As questões a respeito da análise de filmes foram discutidas na Aula Pública

Cinema e Educação - luz e sombra nos caminhos pela escola, realizada no dia 16 de outubro de 2022, com a presença da profa. Maria Alice de Carvalho Rocha (Cepae/UFG), antes dos debates ou rodas de conversas com os alunos, que aconteceram nos dias 1o e 8 de novembro de 2021. Ela, juntamente com Sônia Maria Rodrigues, professora dessa disciplina Fundamentos, Conteúdos e Metodologia da Língua Portuguesa II, compartilharam de suas experiências de pesquisa e produções sobre o cinema e as vicissitudes da infância em obras cinematográficas. Se na literatura temos a circunscrição do lugar do leitor, de seu encontro com o escritor, no cinema teremos o do espectador.

Nesse encontro com os alunos e convidados, foi discutido sobre o propósito de apresentar uma série de filmes a serem assistidos e comentados como o da constituição de um olhar outro sobre o mundo que o cotidiano nos furta daquilo que é impossível mesmo de ver diretamente. O cinema também possibilita essa experiência, tal como um texto constituidor de nosso olhar!

Aula Pública: cinema e educação

Conversar com os estudantes da Pedagogia sobre a relação educação e cinema tem sido um dos objetivos do nosso grupo de pesquisa, desde 2012, quando formalizamos oficialmente o nosso projeto interinstitucional Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância. Esse projeto, ainda em andamento, pretende tirar implicações da relação entre cinema e educação para compreender sobre o confronto do sujeito com a incompletude do simbólico, com o real impossível, e, por isso mesmo, fonte de estranhamento e elaboração.

Vale a pena destacar que em nosso entendimento, a arte, ou melhor, o cinema na educação pode funcionar como um dos espaços de constituição subjetiva, já que possibilita ao sujeito se re-situar face às identificações, às representações de si e do outro. Essa tem sido uma das premissas básicas para fundamentar as diversas atividades de exibição, análise e produção cinematográfica, previstas no projeto, realizadas pelo grupo participante e levadas para a extensão e ao ensino.

No ensino, por exemplo, observamos que, embora o cinema esteja presente em muitas das disciplinas curriculares, ele entra na maioria das vezes como uma possibilidade de explorar conteúdos presentes nos filmes. Sabe-se, que muitos deles expressam e interrogam temáticas cotidianas que perpassam o universo da pedagogia. Assim, não é surpresa nenhuma, encontrar relatos dos estudantes a respeito de um filme visto em sala de aula e de como essa experiência o ajudou a perceber questões e ampliar seu ponto de vista em relação ao tema abordado.

Essa prática comum tem tido o seu valor, mas trazemos aqui uma observação do Migliorin (2015) que vai pontuar o que queremos sublinhar nessas rodas de conversas e aulas abertas com estudantes e futuros professores. Ele diz:

O cinema na escola é bastante aceitável quando ele chega na forma de exibição de filmes e debates em torno de conteúdos presentes nos filmes, mas e se levarmos a sério a possibilidade do cinema pensar o mundo e conseqüentemente a escola? Que implicações e invenções nos trazem essa ousadia? Fundamentalmente, o cinema se apresenta como uma experiência com o mundo, com o outro, com o conhecimento, através de imagens e narrativas (MIGLIORIN, 2015,10).

Se seguirmos em busca dessa seriedade, muito proveito teremos, um deles, foi a possibilidade já experimentada nos trabalhos realizados pela nossa pesquisa, é

a de que a infância representada em muitos filmes permite interrogar o discurso pedagógico sobre a mesma. Isto é, o cinema mais que a pedagogia tem posto no écran uma imagem da infância que nega a transparência representacional e aponta para sua complexidade, impedindo que se caia na tentativa de uma significação totalizante. Como exemplos, podemos citar *Um doce olhar*, um filme turco, sob a direção de Semih Kaplanoglu (2010), *Mutum*, uma produção franco-brasileira dirigida por Sandra Kogut (2003) e também o documentário brasileiro *A invenção da infância*, de Liliana Sulzbach (2000).

Esses e outros filmes têm nos ajudado a observar os efeitos da linguagem audiovisual para convocar a reflexão sobre os elementos constitutivos da infância que impedem sua naturalização, como se esse tempo fosse apenas uma fase da vida em desenvolvimento. É dessa experiência com filmes desse tipo, que permitem colocar em suspeição as representações sobre a infância e as experiências educativas de várias ordens que dialogamos nas aulas abertas e rodas de conversas com os estudantes. A ideia é incentivá-los a se aproximarem de uma estética produtora de estranhamentos como concebe a psicanálise freudiana, afinal um filme pode representar, indagar e produzir uma elaboração sobre o mundo, a partir de suas imagens e narrativas.

Assistir aos filmes e ao mesmo tempo observar os procedimentos selecionados na produção cinematográfica pode impedir que os estudantes sejam aprisionados ao mundo das significações disponíveis e os ajudem a produzir outras, menos idealizadas e totalizantes. No livro *O discurso cinematográfico, a opacidade e a transferência*, Xavier (1984) vai abordar dois aspectos fundamentais da construção cinemática que instaura uma ruptura com a ideia de que o cinema mantém uma relação direta com a realidade. Segundo ele, o primeiro é a expressividade da câmera já que ela “não se esgota na sua possibilidade de movimentar-se, mantendo o fluxo contínuo das imagens. Ela está diretamente relacionada também com a multiplicidade de pontos de vista para focalizar os acontecimentos” (XAVIER, 1984, 17).

O segundo é justamente a montagem, pois ao juntar um plano com outro, combinando captações distintas e fazendo cortes se introduz uma descontinuidade que revela a construção de um mundo imaginário. Sobre isso, Xavier diz:

O salto estabelecido pelo corte de uma imagem e sua substituição brusca por outra imagem, é um momento em que pode ser posta em xeque a “semelhança” da representação frente ao mundo visível e, mais decisivamente ainda, é o momento de colapso da “objetividade” contida na indexalidade da imagem. (XAVIER, 1984, p. 17).

Incentivar os estudantes a observarem esses aspectos nos filmes assistidos e oportunizar exercícios fílmicos de criação, pode ser de grande valor, pois irá permitir conceber o cinema como lugar também de elaboração de mundo. E, além disso, os convoca a uma posição mais ativa enquanto espectador.

Apresentação das análises realizadas pelos alunos

Após a Aula Pública Cinema e Educação - planos e luz no caminho para a escola, os alunos e alunas apresentaram o resultado de suas apreciações sobre os filmes, sendo que assistiram conforme o cronograma e roteiro disponibilizados. Nesse momento da disciplina, nos seus dois últimos dias, pudemos tirar consequências dessa experiência de articular o cinema em nossas atividades de ensino.

As apresentações não consistiram somente na análise dos filmes, mas na associação deles com as discussões realizadas por nós nos outros momentos, tanto

sobre a formação docente, como da literatura, do texto Por que ler os clássicos de Italo Calvino e das poesias, crônicas e contos também lidos em aula. Consideramos que a experiência com a narrativa fílmica possibilitou esse efeito de retroação, tão próprio da linguagem cinematográfica.

Das análises apresentadas pelos alunos destacamos a de Walter Luiz Baptista Filho, intitulada *Cinema e Literatura: uma experiência poética*. Ele resolveu elaborar a sua apresentação por escrito, em um formato diferenciado, subvertendo o indicado pela professora. Interessante de se observar a forma como encadeou todos os filmes na ordem da curadoria, como se materializasse nele o que se pensou em transmitir através da forma de organização dos filmes. A ordem de apresentação teve que ser seguida como a que foi proposta. E o seu trabalho materializou o que significou engendrar com o significante, o nosso tema gerador tempo! Deixemos então que ele fale para nós:

O cinema é a sétima arte
É o tempo, espaço e imagem
Sequencialmente projetadas
Movimenta-se como estandarte.
Captura-se nos olhos de vidro
Os corpos seduzidos pela mágica
Os diálogos como elos da corrente
Que infâncias a retina traz nostálgica?
A literatura é uma força criativa
Poderosa como a própria existência
Quem escreve dá vida a textos:
Prosa, Verso, Poesia, Eloquência
O frame no cinema: É o verso do poema
Mensagens bárbaras ou plásticas
Unam-se em como carne e unha
Eis a linguagem cinematográfica!
Carlos Drummond de Andrade
É o Glauber Rocha do Cinema
Anna Muylaert e sua lírica pura
Seria a Cecília Meirelles da literatura?
Ora, se a escola é onde se humaniza
A literatura constrói os pilares
Leitor e espectador se confundem
Quando o cinema elucida as mais belas:
Questões elementares
A natureza é bela, tanto quanto a pintura indígena
Rituais, rotinas, cultura que resiste sem mordança

Aiha Kalapalo, Alto Xingu:
Vamos lá criançada.
Ali na UFG, no campus II
Onde o saber reina
E a educação reina:
Cepae é demais.
Sete dias a semana tem
Quando uma acaba logo outra vem
Já diria a música infantil
Crianças Invisíveis
sete crianças nem sonhos e comida têm:
Destroçadas de seu mundo pueril.
Escrever o próprio nome é conquista da criança
De pertencimento e construção de identidade
Logo se substitui pelo cabo da panela e da enxada
O que faz de Vida Maria uma dura e triste realidade.
Em casa é abuso constante, violência do seu corpo
De sua mente, de seus sonhos, por quem deveria protegê-la
Como que a escola pode resgatar das trevas essa vida escabrosa?
A Sra Rain transforma uma bruta agonia em pedra Preciosa.
Tem até filme que por meio da literatura, ensina os alunos
A aproveitar melhor o seu dia, e endireitar seus sonhos tortos
Um professor com leveza e audácia enfrenta um sistema autoritário
Para que os alunos se sintam pertencentes a Sociedade dos Poetas
Mortos.
A bomba explode, ceifa vidas e a realidade é de devastação
Alguns carregam histórias, sonhos e cicatrizes impostas
Outros com quadro negro às suas costas à procura de alunos
Para vencer a guerra e traumas pela escrita, leitura e educação.
A sede é inerente ao ser humano
De água, de oportunidade, de conhecimentos
O jarro que a carrega por ventura se trinca.
Então, escola, pessoas e comunidade
Nem imaginava o tanto poder que em mãos
Solidarizando uns com os outros, se tinha.
Cinema e literatura unidos pela metalinguagem
Na Central do Brasil, Uma ex professora e um menino

Reencontram os seus caminhos, seus destinos
Em uma inesperada Viagem
Em busca da felicidade.
“Não quero brincar de apedrejamento!
Quero brincar de aprender coisas divertidas”.
Na terra do extremismo religioso, da alienação
Pobreza, machismo e totalitarismo
Bahktai queria aprender a ler
Enfrenta quem ou o quê
Para seu sonho acontecer
Nessa sociedade medonha:
E Buda Desabou de Vergonha.
Documentário e uma crônica bem escrita
Se dividem por um triz?
Os anseios de jovens
O cansaço do professor
A desigualdade na escola
Os dramas e um drama:
Pro dia Nascer Feliz.
Quem disse que é crime, furtar
Para saciar a fonte de leitura?
O nazismo é hediondo
Extermínio, holocausto, carnificina
Mas a humanidade fulgura:
O livro brilha nos olhos da arguta menina.
Como que uma professora branca de pele
Encara um desafio que nela reflete
Quiçá maior do que a profissão:
Ministrar aulas para uma turma sob forte tensão
Agressividades, desmotivação, conflitos raciais
Então a professora tenta tocar nos alunos em seu coração
Pela arte, respeito, diálogo, história e compreensão.
Para honrar o compromisso com o amigo
E livrá-lo da autoridade do professor
Autoritário e fundamentalista
Repressivo, punitivista, quase escravista
O menino levou o caderno até o seu abrigo

A poesia tem papel transformador
Seja na afetividade ou na política
Não é que um simples carteiro
Inebriado pelas palavras do poeta
Tenta conquistar sua bela & ainda
Mudar o destino de sua própria vida?
Existe maior milagre que a inclusão social?
Ainda mais quando uma professora
Enfrenta até a família da pessoa especial
Que nunca entendeu, que todos têm direito igual?

Conclusão

Para as elaborações finais deste texto, retornaremos ao seu objetivo que foi o de relatar a experiência com articulação de uma montagem de uma curadoria de filmes que pudessem se associar ao tema gerador de nossa disciplina no segundo semestre de 2021: o tempo!. Essa atividade aconteceu mais para o final porque justamente ela permitiu engendrar no planejamento da disciplina três tempos. Tanto a literatura como o cinema propiciam experiências estéticas suportadas pelo tempo e espaço de suas narrativas. A experiência com o tempo da ficção na literatura e no cinema, permite uma contraposição à ideia de uma formação aligeirada que nos impõe o documento oficial denominado Base Nacional Comum Curricular que, por sua vez, se coloca na contramão de uma universidade que se pretende pública, gratuita e laica, suportada pelo articulação dos elementos que constituem o tripé ensino, pesquisa e extensão, O curso de Pedagogia, por sua vez, possui um projeto curricular que acompanha esses preceitos, como também o de uma formação crítica e humana, reconhecendo aqui a importância da redundância. Daí, falar sobre o tempo de formação do professor e do leitor, nos coloca a todo momento na contramão do que seja a formação liberal proposta nos documentos oficiais.

A pandemia colocou em evidência essas contradições, até por isso pudemos pensar sobre o quão contraditório estava sendo trabalhar no formato de home office porque a questão do tempo que seria o percurso até o trabalho foi incluído “naturalmente” às atividades em casa. Foram essas as discussões que efetivam, como também a restrição da vida ao tempo e ao espaço da casa, enfim, com a pandemia a nossa experiência com o tempo se modificou, incluindo também a percepção em relação ao outro, no caso específico de aluno e professor, a imagem de cada participante da aula se reduziu aos ícones ou fotografias de cada janela virtual.

A discussão sobre a literatura não resolveria a redução que há dela como instrumento de ensino.

Era preciso a experiência de “planos e luz no caminho da escola”, uma vez que esses alunos e alunas da graduação, ainda em formação docente, trilham caminhos para compreender teoricamente e na prática, os caminhos de “uma escola”. A proposta de trabalho com o cinema nos possibilitou a experiência que o cinema permite através da composição de seus elementos que compõem o tempo e o espaço de sua narrativa.

Como dito, a montagem que se constitui no juntar um plano com outro, com-

binando captações distintas e fazendo cortes, permite a constituição de um outro olhar sobre o mundo. Por isso propusemos aos alunos e alunas um outro modo de assistir aos filmes, em exercícios de análises filmicas que permitissem a outro modo de elaborar sobre a educação, a escola, a vida e o mundo. Nessa discussão sobre o tempo, vimos nas análises sobre os filmes que os alunos foram capturados por aquilo que diz o professor Antônio Cândido: “Temos de entender que tempo não é dinheiro. Essa é uma brutalidade que o capitalismo faz, como se o capitalismo fosse o senhor do tempo. Tempo não dinheiro. Tempo é o tecido da vida”. Isso, cinema, literatura e escola nos ajudam a fiar!

Bibliografia

Calvino, Italo. 2007. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Godinho de Alcântara, Regina, e Vanildo Stieg. 2017. “O QUE QUER’ A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) NO BRASIL: O COMPONENTE CURRICULAR LÍNGUA PORTUGUESA EM QUESTÃO”. *Revista Brasileira De Alfabetização* 1 (3). <https://doi.org/10.47249/rba.2016.v1.117>. Acedido em 2 de março de 2021.

Hypólito, Álvaro Moreira. 2019. “BNCC, AGENDA GLOBAL E FORMAÇÃO DOCENTE”. *Retratos Da Escola* 13 (25):187-201. <https://doi.org/10.22420/rde.v13i25.995>. Acedido em 2 de março de 2021.

Migliorin, Cezar. 2015. *Inevitavelmente cinema : educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue.

Xavier, Ismail. 1984. *O discurso cinematográfico, a opacidade e a transferência*. Rio de Janeiro: Paz e terra.

Filmografia

A menina que roubava livros. 2013. De Markus Zusak. Austrália. DVD.

A invenção da infância. 2000. De Liliana Sulzbach. Brasil. DVD.

Central do Brasil. 1998. De Walter Salles. Brasil. DVD.

E Buda desabou de vergonha. 2007. De Hana Makhmalbaf. DVD

Escritores da liberdade. 2007. De Richard LaGravenese. EUA. DVD

Cepae é demais..2019. De Maria Alice Carvalho de Sousa Rocha. Brasil. Disp. em: <https://youtu.be/EdVmkZ30QS8>

Mutum. 2003. De Sandra Kogut. França/Brasil. DVD.

O carteiro e o poeta. 1994. De Michael Radford. Itália. DVD.

O jarro. 1992. De Ebrahim Foruzesh. Irã. DVD.

O milagre de Anne Sullivan. 1962 De Arthur Penn. EUA. DVD.

Onde fica a casa de meu amigo. 1987. De Abbas Kiarostami. Irã. DVD. O quadro negro 2002. De Samira Makhmalbaf . Irã. DVD.

Um doce olhar. /2010. De Semih Kaplanoglu. Turquia/Alemanha. DVD.

Osiba Kangamute – Vamos lá criança. 2016. De Haya Kalapalo, Tawana Kalapalo, Thomaz Pedro e Veronica Monachini de Carvalho. Brasil. Disp. em: <https://vimeo.com/189185532>

Preciosa. 2009. De. Lee Daniels. EUA. DVD.

Pro dia Nascer Feliz. 2005. De. João Jardim. Brasil. DVD.

Sociedade dos poetas mortos. 1989. De Peter Weir. EUA. DVD.

Tanza/Crianças Invisíveis. 2005. De Mehdi Charef, Kátia Lund, John Woo, Emir Kusturica. Itália. DVD.

Um doce olhar. 2010. De Semih Kaplanoglu. Turquia. DVD.

Vida Maria. Anima Mundi vol.6. 2002-2007. De Marcio Ramos. DVD.